

降世神通
AVATAR
A LENDA DE AANG



**A ESCURIDÃO DE
KYOSHI**

F.C. YEE

COM O COCRIADOR DE
AVATAR: A LENDA DE AANG
MICHAEL DANTE DIMARTINO

降世神通
AVATAR

A LENDA DE AANG

A ESCURIDÃO DE
KYOSHI

F. G. YEE

COM O COCRIADOR DE
AVATAR: A LENDA DE AANG
MICHAEL DANTE DIMARTINO

Tradução
Paloma Blanca Alves Barbieri

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

© 2022 Viacom International Inc. Todos os direitos reservados.

Nickelodeon, Nickelodeon Avatar: A lenda de Aang e todos os títulos, logotipos e personagens relacionados são marcas registradas da Viacom International Inc.

© Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Paloma Blanca Alves Barbieri

Título original: *The Shadow of Kyoshi*

Publicado em 2020 pela Amulet Books, selo da ABRAMS.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos.

Preparação: Bárbara Prince

Revisão: Tamiris Sene e Bárbara Parente

Diagramação: Vivian Oliveira

Projeto gráfico: Adaptado do projeto gráfico original

Capa: Brenda E. Angelilli

Adaptação de capa: Beatriz Borges

Imagens de capa: Jung Shan Chang

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Yee, F. C.

A escuridão de Kyoshi / F. C. Yee, Michael Dante DiMartino;
tradução de Paloma Blanca Alves Barbieri. - São Paulo: Planeta do
Brasil, 2022.

304 p. (Coleção Avatar, a lenda de Aang)

ISBN 978-85-422-1962-3

Título original: *The Shadow of Kyoshi*

1. Literatura infantojuvenil norte-americana I. Título II. DiMartino,
Michael Dante III. Barbieri, Blanca Alves

22-5571

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

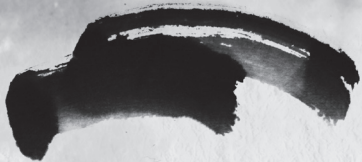
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br



ASSUNTOS INACABADOS



O IRMÃO PO disse a Kuji certa vez que a espada *dao* simbolizava “a coragem de todos os homens” e que, segurando aquela lâmina afiada, capaz de partir seus inimigos ao meio com facilidade, ele se sentiria mais corajoso.

Mas Kuji não se sentia nenhum pouco corajoso enquanto vigiava a porta empunhando sua espada com as mãos suadas. A lâmina dela também não parecia nada resistente. Era um exemplar enferrujado que poderia se despedaçar se fosse manejado com muito vigor. Como o membro mais jovem da Tríade da Asa Dourada, ele precisara esperar no fim da fila enquanto as armas, uma a uma, eram entregues. E sua espada fora retirada do fundo do barril.

— Agora você é um soldado de verdade, hein? — Alguém havia brincado na época. — Não um mercenário como o resto de nós.

O Irmão Po estava parado ao lado da entrada, segurando seu pequeno machado, a arma favorita dos lutadores experientes da Tríade. Ele parecia calmo por fora, mas Kuji podia ver seu pomo de adão subindo e descendo repetidamente conforme o homem engolia. Ele agia da mesma forma quando apostava alto no Pai Sho.

Se existia um lugar onde Kuji se sentia protegido, era no território de sua gangue – Loongkau era praticamente uma fortaleza. Olhando pela superfície, Loongkau não parecia ser nada diferente de outros distritos vizinhos no Anel Inferior de Ba Sing Se. A parte visível do

bairro se elevava em vários andares como um cogumelo brotando, desafiando a gravidade e a arquitetura.

Mas era um fato conhecido que, abaixo da superfície, o complexo se estendia ilegalmente, camada por camada. Cada nível fora cavado sob o anterior sem nenhum planejamento concreto ou preocupação com a segurança, sendo sustentado apenas por suportes improvisados de madeira velha, tijolos e pedaços de metal enferrujados. Ainda assim, Loongkau se mantinha firme e sólida, possivelmente por interferência dos espíritos.

Por dentro, o bairro era um emaranhado de esquinas e curvas, escadarias e becos vazios. Aglomerados de casas miseráveis se espremiavam nas ruas, estrangulando-as cada vez mais. Loongkau estava repleta de armadilhas naturais, tais como a sala em que Kuji e Po estavam, e essa era uma das razões pelas quais os homens da lei nunca entravam ali.

Pelo menos até aquele momento.

O chefe havia recebido um aviso de que a fortaleza da Asa Dourada seria atacada naquele mesmo dia. Todos os irmãos deveriam ficar a postos até a ameaça passar. Kuji não sabia que tipo de inimigo poderia deixar seus superiores tão nervosos. Afinal, o Anel Inferior não dispunha de homens da lei suficientes para sitiá-lo.

De qualquer maneira, eles tinham um bom plano. Qualquer um que tentasse chegar aos andares mais baixos teria de cruzar uma passagem bem estreita que corria pela sala em que estavam. Kuji e Ning poderiam dar conta do invasor facilmente, dois contra um.

Além disso, era improvável que acontecesse qualquer conflito ali, Kuji se lembrou. O piso acima estava protegido por Gong Cortador de Gargantas, o melhor assassino do chefe. Gong conseguiria caçar e matar um lagarto-mangusto em seu próprio ninho. O número de cabeças que ele havia cortado poderia encher um celeiro...

Um estalo veio do piso superior. Nenhuma voz o acompanhou. A pequena sala, que antes era uma fortaleza a protegê-los, parecia uma caixa confinando-os, como se fossem animais.

Po gesticulou com seu machado.

— Vamos ouvi-los descendo as escadas — ele sussurrou. — É aí que atacamos.

Kuji inclinou a orelha na direção indicada. Ele estava tão desesperado para ouvir qualquer sinal de aproximação que perdeu o equilíbrio e tropeçou. Po revirou os olhos.

— Não faça barulho — murmurou Po.

Po mal terminara de falar quando alguém voou pela porta da frente, quebrando as dobradiças, e colidiu com Kuji. Ele gritou e tentou atacar o invasor com sua espada, mas o melhor que conseguiu foi acertá-lo na cabeça com o cabo. Po segurou o invasor e ergueu seu machado para atingi-lo, porém deteve seu golpe no último segundo.

Era Gong Cortador de Gargantas, inconsciente e ensanguentado. Seus punhos estavam torcidos para o lado contrário, e os tornozelos, atados com seu fio de garrote.

— Irmão Gong! — gritou Po, contrariando as instruções que acabara de dar. — O que houve?

No lado oposto da parede à qual eles deviam estar prestando atenção, um par de braços com manoplas atravessou os tijolos. Eles estrangularam o pescoço de Po por trás, silenciando-o. Kuji observou os olhos de seu superior se encherem de terror um pouco antes de o homem ser puxado através da parede sólida.

Kuji encarou o vazio, perplexo. Po era um homem grande e, num piscar de olhos, fora levado como se fosse a presa de uma águia-corvo. O buraco por onde ele desaparecera estava completamente escuro.

Do lado de fora da sala, o chão de madeira rangia sob o peso de uma pessoa que vinha caminhando, como se o completo silêncio fosse uma capa que o inimigo pudesse usar e descartar como quisesse. O arrastar de botas pesadas se aproximava mais e mais.

A luz suave que vinha da porta foi bloqueada de repente, e uma figura alta, extremamente alta, entrou. Uma linha fina de sangue escorria de seu pescoço, como se sua cabeça tivesse sido decapitada e colocada de volta. Um vestido de seda verde ondulava abaixo da ferida. Seu rosto estava pintado de branco e nos olhos havia faixas vermelhas monstruosas.

Tremendo, Kuji ergueu sua espada. Ele se movia tão lentamente que parecia estar nadando na lama. A criatura o observou balançar a arma, seus olhos fixos no metal, e, de alguma forma, Kuji soube que ela seria capaz de detê-lo. Caso assim o quisesse.

A lateral da espada atingiu o ombro de seu oponente. Houve um estalo, e uma dor repentina atingiu a bochecha de Kuji. A espada havia se partido, ricocheteando em seu rosto.

Era um espírito. Tinha de ser. Era um espírito que podia atravessar paredes, um fantasma que conseguia sobrevoar o chão, uma besta imune a lâminas. Kuji largou o cabo da inútil espada quebrada. Uma vez, em sua infância, sua mãe havia lhe dito que invocar o Avatar poderia protegê-lo do mal. Kuji sabia que ela inventava histórias, mas isso não significava que não podia acreditar nelas agora. Naquele momento, ele acreditou nessa história mais do que em qualquer outra coisa em que já tivesse acreditado na vida.

— Que o Avatar me proteja! — sussurrou enquanto ainda conseguia falar. Ele caiu de costas e se arrastou para o canto da sala, sendo totalmente coberto pela longa sombra do espírito. — Que Yangchen me proteja!

A mulher-espírito o seguiu e aproximou seu rosto vermelho e branco do dele. Um humano teria julgado Kuji ao vê-lo se acovardar daquela forma. Mas o frio desprezo nos olhos dela era pior do que qualquer piedade ou zombaria sádica.

— Yangchen não está aqui agora — disse a mulher-espírito, com uma voz forte e autoritária que teria sido bela de ouvir se não estivesse carregada de indiferença. — Eu estou.

Kuji soluçou quando uma mão grande e poderosa segurou seu queixo com o polegar e o indicador. O toque era gentil, mas forte o suficiente para arrancar seu queixo se ela quisesse. A mulher ergueu o rosto dele.

— Agora me diga onde posso encontrar seu chefe.



O pescoço de Kyoshi coçava terrivelmente. O garrote fora revestido com vidro moído e, embora tivesse evitado que ela fosse degolada, pequenos fragmentos afiados ainda irritavam a sua pele. Ela merecera isso, por seu descuido. O homem da gangue que tentara atacá-la era ágil, mas não tanto quanto os membros da companhia da qual ela fizera parte em seus dias de *daofei*.

Por falar nisso, ela estava se arriscando ao não incapacitar o garoto como fizera com os outros. É que ele a fazia se lembrar de Lek. A maneira como seu rosto jovial tentava demonstrar uma máscara de dureza, a necessidade óbvia de aprovação dos irmãos mais velhos. A bravura ingênua e idiota. Ele era novo demais para andar com uma gangue nas favelas de Ba Sing Se.

Sem mais exceções hoje, Kyoshi disse a si mesma enquanto caminhava sobre destroços e entulhos. Ela ainda tinha o hábito de comparar meninos e meninas que tinham a mesma idade que a sua, e isso a fazia pegar mais leve com eles, o que era perigoso. Certamente, ninguém lhe dirigiria a mesma bondade só por ela estar se aproximando dos dezoito anos. O Avatar não podia se dar ao luxo de ser uma criança.

Kyoshi passou por um corredor um pouco mais largo que ela. A pouca iluminação do local vinha de pequenas rachaduras que atravessavam as paredes. Como cristais fluorescentes eram caros e velas ofereciam risco de incêndio, a luz era uma regalia em Loongkau. Redes de canos pingavam acima de Kyoshi, tamborilando no ornamento dourado que ela usava sobre a cabeça, apesar do ambiente apertado. Kyoshi aprendera a levar em conta os centímetros a mais que o adorno adicionava à sua altura, e ter de se inclinar era algo a que já estava acostumada desde a infância.

O odor humano se espalhava pelos corredores, era uma mistura de suor e tinta úmida. Ela já podia imaginar o tipo de cheiro que os andares mais baixos reservavam. O bairro abrigava mais pessoas do que qualquer outro no Anel Inferior, e nem todos os moradores dali eram criminosos.

Loongkau era um refúgio para os mais pobres. Pessoas que já não tinham para onde ir se instalaram ali e abriram os próprios negócios, ganhando a vida como catadores de lixo, comerciantes de bugigangas, médicos ilegais, vendedores de lanches de procedência duvidosa, entre outras coisas. Eram cidadãos comuns do Reino da Terra tentando sobreviver à margem da lei. Era o povo dela, de certa forma.

Os limites sombrios do bairro também abrigavam um tipo mais violento de grupo, como gangues em ascensão no Anel Inferior cujas associações aumentavam com o declínio dos *daofei*. Eram bandidos que não podiam mais ser vistos no interior e que fugiam para se esconder em Ba Sing Se e em outras grandes cidades, misturando-se

com a população e camuflando-se entre os mesmos cidadãos que eles haviam brutalizado no passado.

Essas pessoas não eram o povo de Kyoshi. Na verdade, muitos deles estavam fugindo *dela*. Porém, como era provável que muitas das casas estivessem abrigando moradores assustados e que não tinham nada a ver com a missão dela, Kyoshi controlava suas ações. Usar dominação de terra ali, além de destruir boa parte do local, causaria um grande colapso e machucaria inocentes.

O bairro se abriu em uma pequena área de comércio. Kyoshi passou por uma sala cheia de barris, de onde vazava uma tinta brilhante – uma tinturaria caseira –, e por uma barraca de açougueiro que estava vazia, exceto pelas moscas zumbindo. Jianzhu possuía anotações sobre a situação política e econômica de Ba Sing Se, e seus moradores eram referenciados como empreendedores. Curiosamente, esses registros também mencionavam que o terreno onde Loongkau fora construído possuía algum valor devido à sua importante localização no Anel Inferior. No passado, mercadores do Anel Central tentaram comprar o território e despejar os moradores, mas seus planos falharam por causa do perigo que as gangues representavam.

Kyoshi parou perto de um barril cheio de bagaços de manga. Este era o ponto onde queria chegar. Ela dominou alguns pedaços de rocha e os agrupou em um pequeno disco, subindo sobre ele. Então, cruzou os braços em frente ao peito para se manter protegida na plataforma criada.

Antes de prosseguir, notou um pequeno objeto no canto. Era um brinquedo, uma boneca feita de trapos retirados do vestido de uma bela dama. Alguém no bairro havia realmente se esforçado para costurar uma boneca para sua filha, usando um tecido proveniente do Anel Superior.

Kyoshi ficou olhando o brinquedo até que piscou, lembrando-se do motivo de estar ali. Então, pisou com força sobre o bloco de rocha.

A pequena plataforma de terra, que estava sendo mantida por sua dominação, ficou tão sólida quanto a ponta de uma broca. Ela penetrou o chão de barro e cheio de pedaços de madeira apodrecidos, descendo tão rápido que suas entranhas se reviraram. Kyoshi mergulhou no chão, perfurando cada andar até chegar ao seu destino.

Os manuais táticos de Jianzhu indicavam que, durante confrontos em espaços fechados, a maioria das mortes acontecia em portas

e escadas. Por isso, Kyoshi decidira evitar esses locais e abrir o seu próprio caminho. Ela contou quatorze andares – mais do que havia estimado – até alcançar uma sala cujo chão era muito mais sólido. Havia chegado ao fundo de Loongkau.

Ela desceu da plataforma, com poeira e restos de alvenaria caindo de seus braços, e olhou em volta. Não havia paredes ali, apenas colunas que sustentavam todos os andares acima. *Então Loongkau tem um salão de festa*, ela pensou ironicamente. O espaço vazio era semelhante às salas de entretenimento de nobres ricos como Lu Beifong. Havia um ambiente como esse na mansão do Avatar, em Yokoya.

Era possível enxergar o lugar por completo, uma vez que as paredes estavam adornadas com pedaços de cristal. Parecia que toda a iluminação do bairro fora reservada a esta única sala. Havia ali apenas uma mesa, tal como uma ilha de madeira no vazio. Atrás dela, estava um homem que não havia desistido de suas pretensões desde que Kyoshi o vira pela última vez.

— Olá, Tio Mok — disse. — Já faz um bom tempo, não é mesmo?

Mok, que fora o segundo em comando da gangue *daofei* dos Pescoços Amarelos, arregalou os olhos, surpreso. Kyoshi era como uma maldição da qual ele não conseguia se livrar.

— Você! — exclamou o homem, nervoso e encolhendo-se ligeiramente atrás do móvel, como se aquilo pudesse protegê-lo. — O que está fazendo aqui!?

— Ouvi boatos sobre um novo chefe que se instalou em Loongkau e me soou muito familiar. Então eu vim investigar. Ouvi dizer que seu grupo se denomina como “Triângulo” agora... Estou certa? Algo com três lados. — Kyoshi estava tendo dificuldade para acompanhar tantas gangues. Os *daofei*, que estavam se infiltrando nas cidades, agora mantinham seu costumeiro sigilo e sua tradição no reino dos pequenos crimes.

— Tríade da Asa Dourada! — gritou ele, enfurecido pelo desinteresse dela em seus costumes. Mas Kyoshi já não se importava nem um pouco com os sentimentos de homens como Mok. Ele podia esbravejar o quanto quisesse.

O som de passos apressados tornou-se alto. Os homens dos andares intermediários, por onde Kyoshi havia passado direto usando seu “atalho”, entraram na sala, cercando-a. Eles seguravam machados,

cutelos e adagas. A gangue de Mok costumava usar armas estranhas quando perambulava por regiões rurais, mas, aqui na cidade, decidiram abandonar as espadas de nove anéis e os martelos de meteoros por armas simples que pudessem ser escondidas na multidão.

Sob a proteção de mais de duas dúzias de homens, Mok ficou mais tranquilo.

— Bem, garota, o que você quer? Além de dar um oi para seus velhos camaradas?

— Quero que todos se rendam, entreguem suas armas, desocupem o local e dirijam-se até um tribunal para julgamento. O mais próximo fica a sete quarteirões daqui.

Vários fora da lei caíram na gargalhada. O canto da boca de Mok se curvou para cima, com desdém. Kyoshi até podia ser a Avatar, mas ela estava em menor número e encurralada em um espaço fechado.

— Nós recusamos — disse Mok, fazendo um movimento exagerado com as mãos.

— Muito bem. Nesse caso, eu só tenho uma pergunta. — Kyoshi olhou ao redor da sala. — Todos os seus homens estão aqui?

Os membros da Tríade se entreolharam. O rosto de Mok inflou de raiva, avermelhando-se como uma fruta ao sol.

Não era insolência da parte de Kyoshi, mas uma questão de praticidade. Seu instinto de organização e eficiência vindo à tona.

— Se não, posso esperar até que todos cheguem — explicou ela. — Não quero ter de voltar e verificar cada andar.

— Destruam-na! — gritou Mok.

Os homens a atacaram de todas as direções. Kyoshi pegou um de seus leques. Usar os dois teria sido um exagero.



Kyoshi passou por cima dos corpos, que gemiam de dor. Notando um dos membros da Tríade totalmente imóvel, ela o cutucou com a bota até ver sinais de respiração.

O manto de Mok havia se perdido na confusão. Ele conseguiu se erguer da cadeira por alguns centímetros antes que Kyoshi colocasse a mão em seu ombro, empurrando-o de volta no lugar.

— Não precisa se levantar ainda, Tio. — Ele podia ser uma antiga inimizada, mas ainda era mais velho que ela.

Uma mistura de raiva e medo tomou conta de Mok, e Kyoshi conseguiu senti-la em sua mão.

— Então você vai me matar a sangue frio como fez com Xu. Que você seja despedaçada por relâmpagos e várias facas por assassinar seus irmãos de juramento.

Kyoshi se sentiu incomodada, mais do que deveria, ao ouvir Mok a chamando de assassina. Ela e Xu Ping An tinham concordado em duelar, e o homem tentara matá-la já na primeira oportunidade. Além disso, logo que conseguira obter vantagem, ela dera a seu oponente uma chance de se render. Mas o antigo líder dos Pescoços Amarelos mostrara estar além da salvação.

Ainda assim, nas noites em que não conseguia dormir, Kyoshi se lembrava de Xu. Aquele homem vil infectava seus pensamentos, impedindo-a de sonhar com as pessoas que amava. Ela pensava em Xu, no peso da morte dele em suas mãos e em como, no final da luta, havia *decidido* o destino dele.

Ela afastou esse pensamento.

— Vale de tudo no *lei tai* — disse. Justificar o ato em voz alta lhe deu a sensação de estar engolindo a contragosto um remédio amargo e ineficaz. — Eu não vou matá-lo. Você e seus homens dominaram essa fortaleza rápido demais para uma gangue do interior que passou a maior parte da vida intimidando fazendeiros. Imagino que haja alguém em Ba Sing Se o ajudando, e quero saber quem é.

Mok assumiu uma postura bem firme. Um *daofei* de verdade nunca entregava informações para as autoridades, mesmo que isso o beneficiasse.

— Se acha que vou lhe contar isso, garota, você está... Ahhhhh!!

Com um forte aperto de seus dedos, Kyoshi o lembrou que as coisas haviam mudado desde a última vez que tinham se visto. Ela apertou seu braço até que ele entendesse isso.

— Foi alguém do Anel Central! — Mok exclamou assim que parou de gritar de dor. — Nós nos comunicamos por mensageiros, então não sei o nome da pessoa!

Kyoshi o soltou e deu um passo para trás. Ela esperava que ele nomeasse algum criminoso do Anel Inferior, alguém que talvez tivesse

jurado lealdade a ele no passado. O Anel Central era composto de mercadores e acadêmicos. Algo não estava se encaixando.

Mok tocou seu ombro dolorido e se afastou da mesa.

— Wai! — gritou em direção à porta atrás de si. — Agora!

Em sua distração, Kyoshi havia se esquecido do terceiro em comando dos antigos Pescoços Amarelos. Antes que ela pudesse reagir, a porta se abriu, revelando uma emboscada.

O Irmão Wai surgiu, com uma faca erguida e um rosnado nos lábios. Ele não estava usando a máscara de couro que cobria seu nariz decepado; sem ela, seu rosto tinha uma aparência de caveira. Wai fora um homem ágil e perverso em seus dias como membro dos Pescoços Amarelos, e continuava sendo.

Porém, quando viu que o invasor era Kyoshi, usando sua vestimenta e maquiagem completa, ele engasgou e se deteve no meio do caminho. Wai era uma das poucas testemunhas que a tinha visto em seu Estado Avatar, e tal experiência havia intimidado o espirituoso homem. Ele deu um passo atrás, dando passagem para ela, o que quase derrubou o irmão, e caiu de joelhos. A faca que havia apontado para Kyoshi segundos antes foi colocada aos pés dela, como uma oferta.

— Ah, qual é?! — Mok gritou, vendo Wai colocar a cabeça no chão em reverência à Avatar.

Kyoshi saiu da construção. O dia havia ficado mais claro e quente. Um esquadrão de oficiais da paz, guardas uniformizados de Ba Sing Se, esperava por ela, alinhados em filas à direita e à esquerda. Os homens mais jovens, que nunca tinham visto a Avatar, encararam Kyoshi emergindo da escuridão. Um deles derrubou seu cassetete e se atrapalhou ao tentar recuperá-lo.

Kyoshi passou pelos guardas, ignorando os sussurros e mal percebendo as reverências, até estar diante do capitão Li. Era um homem de rosto pálido que vinha executando seu trabalho por tempo demais, a aposentadoria sempre adiada pelas dívidas de jogo.

— O cerco está montado — disse o capitão a Kyoshi, com um chiado característico de quem fuma cachimbo. — Nenhum problema até agora.

A maioria dos cidadãos do Anel Inferior seguia a vida normalmente, ignorando a presença dos homens da lei, mas Kyoshi via algumas pessoas assistindo com falso desinteresse, provavelmente olheiros de outras organizações criminosas. Trabalhar com o capitão Li era o mesmo que violar os votos *daofei*. E ela havia jurado à sua Irmã Kirima, sob uma lâmina sustentada pelo Irmão Wong, que nunca se tornaria uma ferramenta da lei.

Mas era Li quem vinha sendo sua ferramenta, seu informante, não o contrário. Ele lhe provia as informações de que precisava para resolver seus negócios inacabados com Mok, além de limpar a bagunça que ela fazia.

— O local não oferece perigo? — perguntou Li, levantando seu elmo para limpar a testa com a manga da blusa.

— Os membros da Tríade foram derrotados e estão prontos para ser levados — respondeu Kyoshi. — Você deveria chamar um médico.

— Cuidarei disso — disse Li, com um desinteresse que deixava claro o quanto se importava com a sugestão. Ele levou os dedos aos lábios, dando um assovio. — Vamos, rapazes! Tirem os vermes de lá!

Os guardas se apressaram para dentro da construção, livres para andar em segurança agora que Kyoshi havia limpado o local. Ela esperou pacientemente para ver os resultados de seu trabalho. A Tríade da Asa Dourada precisava ser exibida e catalogada na luz do dia, na frente de todos. Vê-los sendo arrastados como sacos de batata provavelmente acabaria com o mistério por trás deles. Assim esperava.

Ela ouviu gritos e um som de luta vindo do interior de Loongkau. Dois oficiais arrastavam um homem que não estava entre os membros da Tríade que a haviam atacado. Ele estava vestido com roupas simples, mas usava um par de óculos, que caiu de sua cabeça. Devia ser um joalheiro ou um alfaiate para ter investido em um acessório tão caro.

Uma bota esmagou os óculos antes que Kyoshi pudesse dizer qualquer coisa. Com horror, ela observou outro grupo de oficiais surgir, empurrando uma mulher pelo pescoço. Nos braços dela, uma criança chorava. O homem, que já não enxergava tão bem sem seus óculos, ouviu o choro e começou a se agitar ainda mais nos braços dos guardas.

Eles não eram membros da Tríade. Eram uma das famílias pobres que moravam ali.

— O que seus homens estão fazendo? — Kyoshi gritou para Li.

Ele pareceu confuso com a pergunta.

— Livrando-se dessa gentilha. Tem gente querendo dar um fim a esse lugar há muito tempo. — Ele hesitou. — Você... quer parte da comissão nisso? Se quiser, vai ter de falar com o meu contato do Anel Central.

O Anel Central. Naquele momento, ela entendeu tudo.

Alguém com planos grandes e lucrativos para Loongkau queria expulsar os moradores dali, mas precisava de uma desculpa para isso. Essa pessoa havia permitido que a Tríade tomasse o local para fazer com que a lei e o Avatar se envolvessem, e então subornara o capitão Li para despachar tanto os inocentes como os criminosos daquele distrito.

— Parem com isso! — exclamou Kyoshi. — Parem agora mesmo!

— Ah, não! — Li respondeu, fingindo lamentar. — Sinto muito, Avatar, mas só estou fazendo o meu trabalho. Por direito, eu posso desocupar as instalações de criminosos, se necessário.

— Mamãe! — Foi o grito da garotinha que colocou um ponto-final na discussão. — Papai!

Kyoshi puxou seus leques e os abriu. Ela ergueu fragmentos de terra abaixo da camada empoeirada, onde o barro era úmido e maleável. Blocos do tamanho de punhos foram arremessados para a frente, atingindo a boca e o nariz de Li e seus oficiais, prendendo-se à pele deles como focinheiras.

Os guardas soltaram a família e levaram as mãos ao rosto, mas a dominação de terra de Kyoshi era forte demais para repelir. Li caiu de joelhos, seus olhos perdendo foco.

Kyoshi tinha algum tempo antes que eles sufocassem até a morte. Ela guardou seus leques e foi lentamente de guarda em guarda, tirando as bandanas que usavam na cabeça e checando o emblema do Reino da Terra estampado nos tecidos.

As insígnias de cada oficial de Ba Sing Se possuíam um número de identificação, uma prova da grande burocracia que existia nas grandes cidades. Apesar de estarem quase desacordados, os guardas entenderam o motivo para Kyoshi ter arrancado suas faixas e as guardado no próprio bolso. Era uma garantia. Bastaria uma visita a um escritório administrativo para descobrir a identidade deles. Ela poderia encontrá-los facilmente depois. A maior parte dos cidadãos

de Ba Sing Se sabia dos boatos. Eles tinham ouvido as histórias sobre quem a Avatar Kyoshi era e o que fazia aos seus inimigos.

Li ficou por último. O homem já estava ficando roxo quando Kyoshi chegou até ele. Depois de tirar a insígnia de sua bandana, ela deixou a focinheira de terra cair de sua boca, fazendo o mesmo com os outros. O esquadrão de Li caiu de joelhos, ofegante. O capitão caiu de lado, esforçando-se para respirar.

Ela se curvou sobre o oficial, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele lhe revelou um nome, esperando clemência. O homem realmente não tinha escrúpulos.

— O nome dele é Wo! O homem de quem recebo ordens é o ministro Wo!

Kyoshi precisou fechar os olhos para não deixar transparecer sua frustração. Provavelmente havia uma dúzia de ministros chamados Wo em Ba Sing Se. Essa informação não significava nada para ela. A cidade era muito grande. O Reino da Terra era vasto. Era impossível dar conta de tanta corrupção.

Ela respirou fundo.

— Eis o que você vai fazer, capitão — falou ela o mais calmamente que podia. — Vai limpar este lugar retirando somente os membros da Tríade, e mais ninguém. Então, vai providenciar papel e um pincel. Quero que me escreva uma confissão completa, detalhando quem é esse Wo e todo o suborno que você aceitou dele. Cada moeda. Está me ouvindo, capitão Li? Eu vou checar. Quero que escreva essa confissão com toda a sua alma.

Ele assentiu. Kyoshi se endireitou para ver a mulher e sua filha encarando-a com olhar assustado. Ela começou a se aproximar de ambas para verificar se estavam machucadas.

— Não toque nelas! — O homem que havia perdido os óculos se colocou entre Kyoshi e sua família. Com sua quase cegueira, ele não tinha como perceber sua intenção de ajudar. Ou talvez tivesse, mas achava que mesmo assim ela representava um perigo para sua esposa e filha.

Ao longe, mais espectadores se agrupavam. Eles sussurravam uns para os outros, como sementes de novos rumores começando a criar raízes no solo. A Avatar não só havia arrancado os ocupantes de Loongkau, como lançara sua ira insaciável sobre os oficiais do Reino da Terra.

Os olhares dos cidadãos e da família assustada fizeram a pele de Kyoshi formigar; era uma sensação que homens corruptos, como Li ou Mok, jamais seriam capazes de provocar nela. Vergonha. Vergonha pelo que havia feito. Vergonha por quem era.

A maquiagem cobria o rubor de suas bochechas e o franzir de sua testa. Ela deu um último tapinha significativo em Li e, então, deixou Loongkau na mesma lentidão com que havia chegado ali. Era como uma estátua impassível retornando a seu altar. Mas a verdade era que, por debaixo da tinta, Kyoshi se sentia como alguém fugindo da cena do crime, seu coração ameaçando se despedaçar.

